
ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS DE ABORDAGEM ÀS DROGAS: Por onde anda a história da educação? (*)

Maria de Lourdes da Silva (**)

“Vivemos sem possibilidade de refletir sobre as aventuras de nosso próprio corpo”
(Jacques Revel e Jean-Pierre Peter)

Creio não ser mais necessário circunscrever o conceito de droga aqui utilizado: o de toda substância que promova alteração das funções físico-químicas do organismo. Neste conjunto de substâncias estão não somente as ditas drogas perigosas e, por isso, ilícitas, como também boa parte dos componentes de nossa dieta diária, dos alimentos às bebidas, passando pelos artigos das pequenas farmácias que, em nossa cultura, todos cultivamos como hábito possuir em casa. Isto sem levar em conta a diversidade de drogas com considerável toxicidade, as quais a sociedade está mais ou menos exposta diariamente, tais como os solventes e inalantes (esmaltes, colas, tintas, gasolina, removedores, etc.), os agrotóxicos, etc.

Isto significa que a sociedade convive com substâncias com capacidade de interferir e alterar a capacidade perceptiva, os estados físico e emocional, sem que se aperceba disto. O cafezinho diário, a pizza festiva ou a merecida guloseima são exemplos desta dieta que desemboca em produção de neurotransmissores que potencializam as sinapses neurais, agindo no cérebro como qualquer substância hoje tornada ilícita, as comumente chamadas drogas ilegais, com igual propensão ao desenvolvimento dos “danos” provocados por estas últimas: tolerância e dependência.

Não fosse o inexorável fato da história da humanidade está imbricada à relação humana com estas substâncias, a história das sociedades modernas ocidentais, responsáveis por levar o comércio à escala mundial, está intimamente ligada ao comércio das drogas:

Ao menos três grandes ciclos comerciais se constituíram em torno do tráfico de drogas. O primeiro deles, o das especiarias, no século XVI, foi responsável pela era das descobertas marítimas e forjou a própria palavra droga, da denominação em holandês para os produtos secos do ultramar. O segundo, baseado na produção e no comércio do açúcar, da aguardente e

(*) Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no I Colóquio sobre Drogas – EDU/UERJ, set. de 2015.

(**) Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UERJ/Maracanã. *E-mail*: lullua2@yahoo.com.br.

do tabaco, marcou a formação do sistema colonial desde o século XVII e montou a economia atlântica, baseada no tráfico de escravos e das drogas por eles produzidas nas plantations americanas. O terceiro ciclo, o das bebidas quentes e excitantes, desde o século XVII mas, especialmente, desde o XVIII, desequilibrou a balança comercial inglesa com a Ásia, devido à crescente compra de chá, o que provocou, no século XIX, as duas guerras britânicas contra a China, chamadas de guerras do ópio, que visavam substituir os pagamentos em prata pelo chá, por pagamentos em ópio. Do início para o final do século XVIII, a Europa passou de um consumo anual de 1 para 54 milhões de quilos de café, de 1 para sete milhões de quilos de chocolate e de 500 mil quilos de chá para 20 milhões. (CARNEIRO, 2008, p. 42).

Falando, especificamente, sobre o significado destas substâncias para a medicina e a farmacologia, droga é toda substância empregada para prevenir ou curar doenças a partir das alterações por elas provocadas no organismo. Paracelso, inspirado na medicina grega clássica, em fins da Idade Média afirmava: "todas as substâncias são venenos; não existe uma que não seja veneno. A dose certa diferencia um veneno de um remédio".¹ Não há droga inócua. Basta lembrar o *Paracetamol*, princípio ativo do familiar *Tylenol*, um analgésico e antitérmico largamente consumido, responsável por um alto índice de mortes nos últimos anos na Europa, nos Estados Unidos, amplamente noticiado,² e que, a despeito disso, permanece legal, com venda sem prescrição, apenas com advertência para uso excessivo e contínuo.³ O paracetamol pertence a uma categoria de drogas que aliviam sofrimentos causados pela dor sem o efeito sedativo como ocorre, por exemplo, aos anti-histamínicos (antialérgicos). Estes últimos pertencem a uma categoria de medicamentos com efeitos adversos graves,⁴ tais como falência hepática e desenvolvimento de

¹ Disp.: <<https://pt.wikiquote.org/wiki/Paracelso>>.

² Doses de paracetamol em excesso podem levar à morte”, *Extra*, 30 jun. 2015. Disp.: <<http://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/doses-de-paracetamol-em-excesso-podem-levar-morte16601889.html#ixzz45W3UTImI>>. “Jovem morre após overdose acidental de paracetamol”, *O Globo*, 22 jul. 2015. Disp.: <<http://extra.globo.com/noticias/mundo/jovem-morre-apos-overdose-acidental-de-paracetamol-16889724.html>>; “Uso excessivo de Tylenol causa 150 mortes por ano nos EUA, diz ONG”, *Folha de São Paulo*, 17 out. 2013. Disp.: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/10/1357781-tylenol-causa-150-mortes-por-ano-nos-eua-diz-ong.shtml>>; “Remédios sem receita: dipirona, paracetamol e antiácidos podem prejudicar fígado, rim e levar à morte”, *R7 – Notícias*, 04 jan. 2016. Disp.: <<http://noticias.r7.com/saude/remedios-sem-receita-dipirona-paracetamol-e-antiacidos-podem-prejudicar-figado-rim-e-levar-a-morte-04012016>>.

³ *Folha de São Paulo*, 17 out. 2013. Disp.: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/10/1357781-tylenol-causa-150-mortes-por-ano-nos-eua-diz-ong.shtml>>.

⁴ Para ilustrar, vou me deter nos efeitos indesejáveis causados pelos anti-histamínicos (bloqueadores de gerações diferentes, chamados de H₁ e H₂): “Dentre as reações adversas associadas ao uso dos bloqueadores H₁ podemos citar: sonolência, lassidão, fadiga, fraqueza, depressão, incapacidade de julgamento, incoordenação, ataxia, hiporreflexia, delírio, coma; “tinnitus”, vertigem, diplopia, visão turva, midríase; insônia, cefaleia, “nervosismo”, tremores, hiper-

tolerância, entre outros. Isto significa dizer que expressiva parcela das drogas medicamentosas legais em circulação oferece riscos por uso inadequado ou prolongado.

A revolução farmacológica da virada do século XIX ao XX, a partir da descoberta do mundo microscópico que nos cerca, potencializou a precisão da técnica de aproveitamento dos chamados princípios ativos das plantas medicinais e, na sequência, a recriação, a invenção sintética das substâncias em laboratórios. Minimizar os infortúnios do homem era o mote para investimentos em pesquisas com medicamentos, especialmente, quando se leva em conta que a devastação das guerras da segunda metade do século XIX, potencializadas por uma tecnologia bélica cada vez mais letal, exigia respostas à altura das instâncias encarregadas de cuidados à saúde.

Ocorre que parte importante destas substâncias tinha ação psicoativa, ou seja, interferia nas atividades cerebrais alterando seu funcionamento e provocando reações que fragilizavam e mesmo subvertiam as regras de controle social. O uso de substâncias com estas características entre os homens não era novidade, como já se sabe. Todas as culturas de que se têm notícias fizeram e fazem usos de substâncias geradoras de alteração da percepção, da sensibilidade, da imaginação, das formas de construção de significação do mundo. E os usos inventariados são variados: recreativos, religiosos, ritualísticos, medicamentosos, festivos, insurgentes. As pesquisas são menos expressivas do que o necessário, mas temos sólidas informações sobre usos e experiências de abusos em diferentes sociedades, de esquemas de controle diferenciados, de adoção sistemática de regramento dos usos. Contudo, nenhuma outra época viveu o que a nossa época vive com relação às substâncias psicoativas; em nenhum outro momento da história ocorreu algo sequer próximo da chamada “guerra às drogas” e suas consequências.

reflexia, parestesia, paralisia; convulsões, síncope, anormalidades letroencefalograficas; taquicardia, hipertensão, hipotensão, choque, anormalidades eletrocardiográficas; febre, hipertemia intensa; perda do apetite, náuseas, desconforto epigástrico, vômitos, constipação, diarreia; disúria, aumento da frequência urinaria, retenção urinaria, insuficiência renal; ressecamento das membranas mucosas, tosse; leucopenia, agranulocitose, anemia hemolítica, hepatite; hipersensibilidade, fotossensibilidade. A administração de doses excessivas pode causar excitação e produzir convulsões em crianças (RANG E DALE, 2008; SILVA, 2008; GOODMAN E GILMAN, 2006). (...) Dentre as reações adversas associadas ao uso dos bloqueadores H₂ podemos citar: cefaleia, astenia, tonturas, confusão mental; diarreia ou obstipação intestinal; dores musculares e reações cutâneas; neutropenia e agranulocitose; elevação da creatinina sérica e das transaminases; elevação da prolactina: mastodina, ginecomastia, galactorréia”. Material acadêmico disponibilizado para o curso de enfermagem pela Ebah: A rede social para o compartilhamento acadêmico. Disp.: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAXGUAF/anti-histaminicos>>.

A Era Moderna agrega elementos que concorrem para empregos visceralmente contraditórios com relação às drogas psicoativas. Por um lado, a tendência para aplacar o sofrimento com intervenção medicamentosa adquiriu chancela cultural e científica, invadindo o cotidiano e ganhando expressão própria: medicalização da vida social (COLLARES; MOYSES, 1994, 2013). Os conceitos de saúde e doença vão sendo alterados e, dos controles dos ares, miasmas, saneamento, higiene dos ambientes e das pessoas, passa-se ao controle das dores, sensações, emoções, comportamentos. Da medicina social passa-se à medicina clínica (FOUCAULT, 1985, 2006). De outro lado, o refinamento da tecnologia da produção capitalista exigiu corpos à altura das máquinas, que com elas pudessem se fundir quanto à dinâmica, velocidade e potência e isto exigia uma disposição física e uma concentração mental para a atividade a ser desempenhada, muitas vezes, alcançada à custa de psicoativos. É a época dos tônicos, fortificantes, digestivos, aperitivos, sendo a história da Coca-Cola um bom exemplo desta atmosfera.⁵

Também a época moderna democratiza, especialmente a partir da lógica cartesiana, o mundo subjetivo de modo laicizado. Desde Santo Agostinho, nos diz Hannah Arendt (ALMEIDA, 2011, p. 63-5), o homem organiza sua conversa interior senão orientada, ao menos observada pelo Deus onipresente/onisciente da tradição cristã. O homem moderno vai se afastando dessa regulação divina e vai apreciando cada vez mais sua conversa interior desassistida por Deus, assim como a liberdade e os prazeres mundanos que essa distância acaba propiciando à abertura e exploração dos próprios potenciais, sem o efeito colateral da culpa (SILVA, 2015).

As drogas psicoativas, que aparecem no quadro da revolução farmacológica, vão cumprir funções distintas em quadros clínicos específicos. Assim, as drogas anestésicas, sedativas, estimulantes, desinibidoras, relaxantes, calmantes, etc., são postuladas à tutela exclusiva do corpo médico e orientadas à regulação do social.

⁵ Antonio Escohotado conta que em fins do século XIX e início do XX florescem inúmeras bebidas alcoólicas e não alcoólicas à base de cocaína em suas composições. Somente nos Estados Unidos, em 1909, segundo o *American Journal Food*, havia 69 diferentes bebidas com proporções maiores ou menores de cocaína. Dentre elas, a coca-cola, um licor para dor de cabeça e fins tônicos, que acaba substituindo a cocaína por cafeína (noz de cola), a água comum pela gaseificada e suprimindo o álcool. Era anunciada como “bebida dos intelectuais e dos abstmios”. (ESCOHOTADO, 1989, p. 81-2).

A complexidade das questões que orienta para as medidas de restrição ao uso de determinadas substâncias, engendra um processo gradativo de controle social e disciplinar no qual desempenha um papel fundamental a educação. Porém, quase nenhuma deliberação, senão nenhuma, passa pelo crivo decisório dos profissionais da educação. Compreendo que existam dois pontos a serem elencados. O primeiro tem relação com o lugar da instituição educacional (material e simbólico) enquanto parte da tecnologia da razão de Estado organizadora nos Estados Modernos da gestão das populações. Nesta perspectiva, a educação escolar cumpre função precisa ao contribuir para o governo das condutas, doutrinando acerca dos pressupostos morais, identificando as anomalias e os desajustes, cooperando com as demais instituições que compõem o aparato promotor da governamentalidade, que evita o crescimento dos inúteis e dos improdutivos, mas que também deles se alimenta e se sustém. A instituição escolar tem usado esse dispositivo no controle às drogas através de um refinamento das estratégias de autogoverno, conforme afirma Tiago Magalhães Ribeiro (2013). Esse é o lugar de uma constatação, o do assujeitamento dos usuários de drogas à tecnologia biopolítica do poder empregada pelo Estado Moderno.

O segundo ponto, sendo ainda uma aposta na educação, orienta-se para a possibilidade de ressignificação das formas de participação humana na construção do mundo. E neste sentido, este trabalho recupera modos de circulação das drogas no campo da educação, considerando a produção de sentido de dois *slogans* sobre o tema, já em circulação há algumas décadas, à luz dos conceitos de *diálogo* e *responsabilidade* em Hannah Arendt e Mikhail Bakhtin, respectivamente, com o objetivo de refletir sobre os fenômenos da ação e do discurso. Sendo estes os meios através dos quais os homens exprimem suas singularidades, fruto de seus processos formativos, construídos dialeticamente na interação social, cabe à educação voltar sua atenção às estratégias de comunicação e ação no espaço público, as quais, pela força sublevadora que possuem, se puderem se efetivar, redesenham as formas de existir humanas.

DROGAS, EDUCAÇÃO E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Por educação entende-se, com Carlos Rodrigues Brandão (1987), o processo global de socialização humana ou todo fenômeno social relacional humano. A educação escolar representa a emergência de projetos de sociedade, formalizados através do ensino, possibilitados pela hierarquização social de poderes, saberes e valores de um grupo social sobre os demais. Contudo, a

educação enquanto prática social implica considerar seu potencial para promover transformações sociais, a despeito dos estritos parâmetros legais e institucionais, uma vez que se considere o imponderável das mudanças factíveis ao homem no decorrer dos processos de ensino-aprendizagem.

No campo específico da história da educação, a quase totalidade dos trabalhos dedicados à historiografia da história da educação relaciona sua crescente autonomia em relação à filosofia às mudanças contemporâneas ocorridas na história *tout court*. As transformações da historiografia contemporânea ensejaram modalidades de história, no que diz respeito aos conceitos, abordagens, objetos e temáticas, que permitiram a emergência, entre outras, da educação como objeto, depois como área de observação e de problematização acerca dos processos de ensino-aprendizagem, relacionando as instituições, os saberes, os sujeitos e suas práticas sociais em tempos diversos, configurando diferentes “realidades pedagógicas”, conforme afirma Clarice Nunes (1996, p. 67). Tanto a Nova História Cultural quanto a Nova História Política possibilitaram caminhos para que a educação pudesse se tornar objeto e campo de investigação, compreendendo o desenvolvimento de procedimentos de análise adequados, respeitantes às especificidades necessárias à conjugação da observação das condutas educativas em diversas temporalidades. Os esforços que a área tem realizado para constituir-se como campo de conhecimento específico, embora preserve o diálogo conceitual com outros campos do conhecimento (VEIGA, 2008), tem seu ponto de toque na questão do desenvolvimento de procedimentos de análise próprios, na defesa da especificidade do olhar que esta área do conhecimento lança sobre seu objeto, a rigor inalcançável por outro ângulo (NUNES; CARVALHO, 2005; GONÇALVES NETO, 2015). Esse debate ainda está em curso.

De tudo isso, o que chama atenção é o fato de que esta virada historiográfica possibilitou a emergência e a constituição da história da educação como campo do conhecimento e lhe tenha legado a amplitude de temas abertos às diligências investigativas pela história *tout court*. Os estudos de temas empreendidos sobre instituições como a escola, a medicina, a família, a religião, de pesquisas sobre grupos humanos desconsiderados até então enquanto sujeitos históricos como crianças, trabalhadores, mulheres, negros, pobres etc. ou investigações que tomam o corpo humano por objeto, observando-lhe os modos de asseio, as doenças, a alimentação, os sentimentos (paixões, sofrimentos, prazeres) também deram pouca atenção às drogas, mesmo quando considerado o entrecruzamento dos grupos temáticos elencados: as instituições, o corpo humano e as diversas

formas de categorizar pessoas. A psicologia, na linha histórico-crítica das investigações sobre o fracasso escolar, tem produzido para o campo da educação os estudos mais consistentes sobre medicalização ao apostar numa leitura ampliada do fenômeno no rastro das teorias biologizantes e organicistas, com destaque para as contribuições das professoras Cecília Azevedo Lima Collares e Maria Aparecida Affonso Moysés nas últimas duas décadas.

As estratégias medicalizantes na virada do século XIX ao XX fizeram da educação escolar obrigatória uma parte essencialmente necessária às engrenagens de controle social, sobretudo, as promovidas pela medicina higienista (PATTO, 1999; ZUCOLLOTO, 2007; HORA, 2011). As campanhas de educação sanitária constituíram peças-chaves implicadas na gestão das populações por uma corporação profissional que não detinha seus próprios meios de alcançá-las (postos de saúde, hospitais). Afinal, aquela medicina social, sanitária e higienista estava começando a empreender uma abordagem individualizante através da educação da higiene pessoal nos espaços escolares. E, embora reconheçamos a crescente invasão da medicalização nos domínios da escola desde então até os dias atuais, a educação identificou, mas pouco avançou no enfrentamento das implicações deste gerenciamento da educação pela medicina. Especialmente, quando os desafios postos à estruturação de logísticas eficazes ao manejo dos educandos na organização das escolas de massa sucumbiram e ainda sucumbem aos ditames da orientação patologizante, outrora, derivada das implicações eugenistas e atávicas e, ainda hoje, da epidemia das morbidades neurológicas (genéticas, congênitas e socioambientais) que atualizam as explicações organicistas e biológicas.

Também podemos considerar que, de um período ao outro, a presença persistente do aparato médico no espaço escolar, a título de acompanhar e promover o desenvolvimento físico e psíquico dos educandos, passou dos investimentos na inculcação dos hábitos de higiene, dos instrumentos de aferição de peso/altura e desenvolvimento psíquico, através da aplicação dos testes (psicométricos) e da vacinação em larga escala, à medicação ostensiva patrocinada pelo estreitamento dos critérios das condutas tomadas como apropriadas/inapropriadas à vida escolar e social. Não à toa, a literatura tem denunciado o que chama de uma verdadeira “epidemia dos transtornos”, a partir da classificação de novas patologias: hiperatividade, oposição e desafio, bipolaridade, depressão, as quais têm a sala de aula como espaço de diagnóstico preliminar. Tais indicações atingem educandos e educadores e se multiplicam dentro e fora dos espaços escolares, enredados pelo “aperfeiçoamento” do quadro nosográfico das doenças, tal como apresentado pelas sucessivas

DSMs⁶ a respeito dos “desajustes comportamentais”, que representam uma legítima preocupação para a sociedade brasileira por, pelo menos, dois motivos: 1. por levar em conta que o país está entre os países que mais consomem medicamentos psicotrópicos no mundo; 2. por considerar que tais doenças são forjadas na relação corrupta que enreda indústria farmacêutica e a prática psiquiátrica enquanto especialidade médica.⁷

Os ansiolíticos (tranquilizantes), por exemplo, são a segunda classe de medicamentos mais vendida no Brasil, só perdendo para os anticoncepcionais (Dados de 2014). O crescimento do consumo das drogas hipnóticas e ansiolíticas no Brasil tem um histórico recente alarmante:

TABELA 1
A escalada do ansiolítico no Brasil.
Em dez anos, o Rivotril galgou a lista dos campeões:⁸

1998
O Rivotril nem aparecia entre os dez mais vendidos
1 - Cataflam (<i>analgésico e anti-inflamatório</i>)
2 - Novalgina (<i>analgésico e antitérmico</i>)
3 - Hipoglós (<i>pomada contra assaduras</i>)
4 - Neosaldina (<i>analgésico e antiespasmódico</i>)
5 - Voltaren (<i>antirreumático, anti-inflamatório e analgésico</i>)
6 - Lexotan (<i>ansiolítico</i>)
7 - Redoxon (<i>vitamina C</i>)
8 - Buscopan Composto (<i>antiespasmódico e analgésico</i>)
9 - Sorine (<i>descongestionante nasal</i>)
10 - Vick Vaporub (<i>unguento descongestionante</i>)
2004
Ele conquista o sexto lugar no ranking
1 - Microvlar (<i>anticoncepcional</i>)
2 - Neosaldina (<i>analgésico e antiespasmódico</i>)
3 - Hipoglós (<i>pomada contra assaduras</i>)
4 - Buscopan Composto (<i>antiespasmódico e analgésico</i>)
5 - Novalgina (<i>analgésico e antitérmico</i>)
6 - RIVOTRIL (<i>ansiolítico e anticonvulsivante</i>)
7 - Tylenol (<i>analgésico e antitérmico</i>)
8 - Cataflam (<i>analgésico e anti-inflamatório</i>)
9 - Neovlar (<i>anticoncepcional</i>)
10 - Luftal (<i>antigases</i>)
2008
O Rivotril é o segundo mais vendido
1 - Microvlar (<i>anticoncepcional</i>)

⁶ Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Norte-Americana de Psiquiatria. De 1953 até hoje, este manual sofreu cinco modificações. O DSM-1 continha uma lista de 112 “perturbações mentais”, descritas em 130 páginas. O DSM-5, de 2014, descreve mais de 400 doenças, em 947 páginas.

⁷ SZASZ, Thomas. *O Marketing da Loucura*. [Documentário].

⁸ Disp.: <<http://drpaulomaciel.com.br/rivotril-a-segunda-droga-mais-vendida-no-brasil/>>.

2 - RIVOTRIL (<i>ansiolítico e anticonvulsivante</i>)
3 - Puran T4 (<i>hormônio tireoidiano</i>)
4 - Hipoglós (<i>pomada contra assaduras</i>)
5 - Neosaldina (<i>analgésico e antiespasmódico</i>)
6 - Buscopan Composto (<i>antiespasmódico e analgésico</i>)
7 - Salonpas (<i>analgésico e anti-inflamatório</i>)
8 - Tylenol (<i>analgésico e antitérmico</i>)
9 - Novalgina (<i>analgésico e anti-inflamatório</i>)
10 - Ciclo 21 (<i>anticoncepcional</i>)
Fonte: IMS Health

No mesmo site, o Dr. Paulo Maciel comenta:

O *Rivotril* bate remédios de uso corriqueiro, segundo o IMS Health, instituto que audita a indústria farmacêutica. Vende mais que a pomada contra assaduras *Hipoglós*, o analgésico *Tylenol* e outros produtos que os consumidores colocam na cestinha sem saber se algum dia vão usar. (Revista Época, 19/02/2009).

Cinco anos após, o Brasil já aparecia como o principal produtor e consumidor mundial do ansiolítico, segundo dados do Fórum de Medicalização da Educação e da Sociedade:

TABELA 2⁹

Ranking	País	Clonazepam (kg)
1 ^o	Brasil	3200
2 ^o	Itália	2300
3 ^o	Suíça	2300
4 ^o	China	600
5 ^o	Polônia	191
6 ^o	Canadá	164
7 ^o	Argentina	105
8 ^o	Estados Unidos	40
9 ^o	Costa Rica	19

Fonte: Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes (JIFE), 2015

O crescimento de diagnósticos que implicam necessidade de uso de drogas controladas entre crianças em idade escolar, sendo a Ritalina a mais amplamente indicada, e de docentes, que recorrem ao uso de medicação controlada a título de suportar o impacto da degradação sem precedentes das condições de trabalho, tem sido o foco dos estudos sobre medicalização da

⁹ Disp.: <http://medicalizacao.org.br/wp-content/uploads/2015/06/NotaTecnicaForumnet_v2.pdf>.

educação. Embora este não seja um fenômeno específico da área da educação, é oportuno frisar que apesar da presença maciça de drogas legais em circulação no ambiente escolar, cuja indicação de uso é condição à eficácia do modelo hegemônico escolar atual, cujos efeitos decorrentes do uso prolongado ainda não sabemos quais são, cuja recuperação da história imbrica-se à estruturação do sistema escolar público e aos projetos reservados à instituição cumprir em nome do desenvolvimento político-econômico e cultural do país, as discussões sobre o tema no campo da educação têm sido pontuais e, em sua maioria, feita pelo viés da prevenção e do combate. Algumas questões necessariamente emergem desta conjuntura:

- a) As drogas psicoativas de uso controlado têm adiado, porque têm mascarado, o enfrentamento dos problemas estruturais do sistema escolar atual. Tanto professores quanto alunos têm sido atingidos pela prescrição em larga escala de psicotrópicos;
- b) Neste cenário, a escola tem contribuído para cultivar uma cultura das drogas lícitas como parte da tecnologia de ajustamento de condutas por ela aplicada;
- c) A escola tem alimentado, de modo irreflexivo, a bilionária indústria farmacêutica;¹⁰
- d) A escola tem dedicado pouco espaço à problematização e discussão do tema e quando o faz, adota a linha da prevenção;
- e) As contribuições da história da educação ao debate são escassas.

A dissociação entre as drogas psicotrópicas controladas e as demais substâncias ilícitas persiste, embora já se tenha disseminado a ideia de que se trata de substâncias alteradoras do humor, do comportamento, das sensibilidades e percepções. Tal entendimento é perceptível em inscrições como a “droga do amor” (que pode ser o êxtase ou o Viagra), a “droga da felicidade” (Prozac), a “droga do estupro” (cetamina/ketamine) ou a droga da obediência/produzitividade” (ritalina), uma febre entre os alunos universitários. As drogas lícitas, em que pese o fato de serem de uso controlado pelos médicos, encontram-se em plena expansão, com altas taxas de iatrogenia. Como os usuários de psicotrópicos vão à farmácia e não às “bocas-de-fumo”, sugestiona-se, subliminarmente, que estes sejam inócuos. A legalidade ofusca a equivalência, reproduzindo os mitos que separam as drogas ilícitas das lícitas e silencia sobre o fato de que as peças de

¹⁰ “Por serem destinados, primordialmente, a melhorar a qualidade de vida das pessoas, esses medicamentos atraem milhares de pessoas no mundo, geram verdadeiras minas de ouro aos laboratórios e estão presentes, de alguma forma, na mídia de massa.” (JESUS, 2012).

propaganda contra as drogas ilícitas enfrenta a concorrência da propaganda dos laboratórios farmacêuticos que promovem suas drogas lícitas. Já é notório que a indústria farmacêutica gasta mais com propaganda do que com investigação e desenvolvimento dos fármacos:

Mientras que la investigación y desarrollo de fármacos recibe en torno al 13% del presupuesto, los gastos de marketing suponen entre el 30-35% del presupuesto de los laboratorios, es decir gastan el doble en promoción que en investigación, el artículo antes citado del BMJ señalaba que por cada \$ dedicado a la investigación se dedican 19 a promoción.¹¹

Neste sentido, este trabalho investe na problematização de dois *slogans* de grande repercussão e longevidade nas campanhas contra as drogas: “Diga não às drogas” (figura 1) “Drogas! Tô fora.” (figura 2).

Figura 1



Figura 2



ATTITUDES RESPONSIVAS ÀS CAMPANHAS DE PREVENÇÃO ÀS DROGAS

Utilizando o método da análise de discurso instruída por Bakhtin, este trabalho investe agora no entendimento de duas respostas dadas aos *slogans* mencionados. Consorciada ao referencial de Hannah Arendt sobre responsabilidade (política), caminha-se na direção da compreensão da condição humana enquanto resultado das ações humanas, partilhada pelos homens como conjuntura e patrimônio coletivo.

¹¹ La enfermedad, un negocio para la industria farmacéutica. *Nuevatribuna.es*, 02 mar. 2015. In: <<http://www.nuevatribuna.es/articulo/sanidad/enfermedad-negocio-industria-farmaceutica/20150302105350113131.html>>.

Pesquisando na internet, encontrei uma das reações ao slogan da figura 1: “Drogas! Tô fora. ‘Saí para comprar mais’” (figura 3). A outra resposta é recuperada das inscrições deixadas nos banheiros desta universidade (UERJ), há muitos anos atrás, onde se lia: “Drogas, tô fera!” (figura 4):

Figura 3



Figura 4



Utilizando referencial conceitual de Bakhtin, diremos que ambas as réplicas exemplificam a experiência do *dialogismo* em uma comunidade linguística. Tomado como enunciado, o *slogan* passou pelo processo de apropriação e ganhou novos significados. Esses novos enunciados, derivados daquele, apresentam a *atitude responsiva* dos enunciadore, ato responsável, que apresenta discursivamente o modo como o sujeito se constitui na interação social, através de um diálogo interior essencial que antecipa a enunciação carregada da *assinatura* e da *transgressão*, que pode ser mais ou menos acentuada, mas que evidencia a presença do indivíduo. É uma elaboração cognitiva sustentada por verdades que são construídas e compartilhadas na cadeia enunciativa que perpassa a cultura (o mundo da cultura para Bakhtin). Um enunciado responde a outro e a cadeia enunciativa segue seu fluxo infinitivo e irreduzível.

As comunidades enunciativas são histórica e socialmente determinadas e suas condições de existência, necessariamente, precisam considerar suas condicionantes, enquanto o fluxo enunciativo, não. Não existe o Adão da língua. Todo ser humano que chega tem que se inscrever nesta cadeia enunciativa que já existia antes dele e permanecerá depois que ele se for. Ele participa da cadeia enunciativa dialogando com os significados existentes e registrando sua forma singular de entendimento na multiplicidade de singularidades que estão operando do mesmo modo, sem que a unidade se perca. É essa forma plural de inscrição que faz com que os significados se alterem, a língua permaneça viva e os rumos da sociedade possam ser modificados.

Para isso, o conceito de responsabilidade é crucial no pensamento bakhtiniano, porque representa a centralidade do caráter sócio-histórico da língua, que impulsiona os sujeitos singulares à interação social, onde a existência adquire sentido e materialidade. É onde cada ser humano

demonstra sua singularidade exibindo sua posição, a um só tempo, política e existencial. Ele acredita que o homem singular só pode existir na sociedade plural – a alteridade é condição do processo de humanização. O homem não se significa sozinho. Mesmo só, em solilóquio, a cultura que preenche de significados o seu pensamento, que são os signos da língua, foi construída fora dele, socialmente, trazendo, portanto, os outros para o pensamento, estabelecendo o *dialogismo*.

O autor concebe duas esferas diversas, a esfera da cultura – que comporta o mundo da ciência e o da arte – e o mundo da vida – o das experiências cotidianas. A esfera da cultura parece sempre constituir o discurso de autoridade, enquanto a esfera do cotidiano coloca sempre a ação persuasiva do discurso interno. O ponto diferencial em Bakhtin é que o discurso de autoridade não submete o indivíduo, ao contrário, o compele à negociação e à produção de novos significados e isto o motiva a exteriorização e a inscrever-se na dinâmica social através de sua ação. O acontecimento linguístico para Bakhtin é o momento único e concreto da assunção da responsabilidade e da contribuição à mudança social. Ou seja, pensar implica uma atitude de compreensão e sua relação com os enunciados é axiológica, porque suas fronteiras de significação são historicamente determinadas por posição de classe, pertencimento a grupos, adesão às ideologias, etc. Ao pensar o homem está sempre em companhia dos enunciados dos outros e assim atribui valores, seleciona, julga. E neste ponto Bakhtin abre à possibilidade de relativizar o papel das forças econômicas, quando admite que haja espaço para escolhas na elaboração discursiva dos sujeitos. Ou seja, há possibilidade de ação política não submetida às condições de produção. E é precisamente esse ponto que irei recuperar adiante.

Hannah Arendt, por sua vez, também considera a dimensão da ação política da *vida activa*, que ocorre no espaço público – o lugar da expressão da singularidade humana. Esta se manifesta por palavras e atos, ou seja, pelo discurso e na ação. Ocorre que a autora também considera que no mundo “as palavras perderam seu poder. E tudo o que os homens fazem, sabem ou experimentam só tem sentido na medida em que pode ser discutido” (ARENDR, 1989, p. 12). E por que as palavras perderam seu poder para a autora? Porque o surgimento da esfera social deslocou as preocupações com a subsistência do espaço privado para o espaço público, substituindo o *homo politicus* pelo *homo faber* – a ação pela fabricação. A esfera pública se degradou, assim como a privada, e o mundo comum passou a ser orientado pelos interesses econômicos, originalmente, na

Grécia Clássica, alocados no espaço privado, e não destinados ao “debate das questões públicas” (ALMEIDA, 2011, p. 31).

O mundo é o que os homens têm em comum e nele “a linguagem talvez seja o exemplo mais claro de um bem comum” (ALMEIDA, 2011, p. 26), já que os significados só podem existir quando compartilhados pelos homens. A construção do mundo comum depende visceralmente da comunicação, porque ela materializa a realidade compartilhada e, segundo Hannah Arendt, nos dá a compreensão de que não estamos sozinhos em nossa percepção das coisas: “A presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos” (ARENDRT, 1989, p. 60). A esfera pública é este lugar de reconhecimento e de estranhamento, pois que comporta a singularidade e a pluralidade dos homens. Assim como Bakhtin, Arendt também concebe que a constituição da identidade individual é operada no coletivo tendo a comunicação um papel chave neste arranjo, porque ela faz com que a subjetividade adquira objetividade. A pluralidade forma a diversidade dos pontos de vista, que é condição de constituição do mundo, pois para a filósofa,

O mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos. Transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro: preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência. É isto o que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e com aqueles que virão depois de nós. (ARENDRT, 1989, p. 65).

Neste ponto precisamente, chegamos ao modo como Arendt entende o papel da educação para o mundo: ela cumpre a função de apresentar às crianças e jovens o mundo que eles estão herdando, do qual farão parte enquanto aqui estiverem e o deixarão como legado às próximas gerações. A educação é o meio de compartilhar com estes o mundo comum, no qual, ela espera, essas crianças e jovens adentrem e contribuam. Em razão disto, na educação podemos e devemos contar as histórias do mundo, ou sobre as experiências humanas (ALMEIDA, 2011, p. 17), porque a educação (escolar ou não) é a estratégia para dar este mundo a conhecer aos neófitos. Essa é a tarefa dos mais velhos ao apresentar o mundo tal como ele é para que os mais novos deem continuidade ao que desejam e modifiquem o que julgam necessário. Preservar e renovar são instâncias constitutivas do processo de manutenção do mundo comum que não escapam às funções da escola.

Hannah Arendt, em *A crise na educação*, reflete sobre as características básicas da sociedade moderna, na qual as atividades humanas perderam sentido porque “foram substituídas por

critérios utilitaristas e pela exagerada ocupação com a satisfação de necessidades reais ou inventadas” (ALMEIDA, 2011, p. 20). Isto alterou as formas de convivência, as relações interpessoais e os modos de construção de sentidos à existência. Mas a filósofa salienta que a crise “oferece uma oportunidade de reflexão sobre a própria essência das coisas”.

A igualdade presente na esfera pública é, necessariamente, uma igualdade de desiguais que precisam ser 'igualados' sob certos aspectos e por motivos específicos. Assim, o fator igualador não provém da natureza humana, mas de fora. (ARENDRT, 1989, p. 227).

Existe um ponto polêmico na concepção arendtiana sobre a educação, que diz respeito a sua concepção da escola como espaço pré-político. E ela o faz, entre outras razões, para defender, por um lado, que a escola não deva ser apropriada por projetos políticos específicos. Para ela, isto seria uma traição à liberdade de formação que a escola deve oferecer, especialmente porque, na escola, crianças e jovens se preparam para ir à esfera pública, não a esfera pública que vem até eles. Apesar disto, para recolocar a responsabilidade do educador na formação das novas gerações, preservando aos educandos a entrada gradual nas questões próprias ao mundo público, como uma medida de proteção, e também para recolocar a autoridade do grupo encarregado de representar o mundo às novas gerações e de aproximá-las deste. Então, pensando com Hannah Arendt, colocar os assuntos do mundo no universo escolar deve ser uma tarefa dosada pelos educadores e não negada, da mesma ordem que os conteúdos, o legado humano que eles entregam, o que os tornam corresponsáveis pela conformação dos significados que vão sendo construídos sobre as dimensões do humano.

Assim, para Arendt e Bakhtin, os seres humanos se estruturam e se significam na interação social, sendo o ato discursivo, o acontecimento enunciativo, o meio através do qual se realiza a experiência da ação política.

Dermeval Saviani (2012), refletindo sobre os estudos do campo da filosofia a respeito da lógica da linguagem dos discursos pedagógicos, assevera que um dos compromissos da filosofia da educação é promover a “assepsia da linguagem educacional, depurando-a de suas inconsistências e ambiguidades” (2012: 124). Discorrendo sobre a obra de Israel Scheffler, *A Linguagem na Educação*, Saviani chama atenção para o fato do autor analisar o emprego de várias figuras de linguagem na educação e se detém na caracterização do *slogan educacional* como uma figura de linguagem. Citando o filósofo americano, Saviani diz ser “ocioso criticar um slogan por inadequação formal ou por inexatidão na transcrição do uso” (SCHEFFLER, *apud* SAVIANI, 2012,

p. 124), porque a proposta deste é “unificar as ideias e atitudes dos movimentos educacionais” (SAVIANI, *Ibid*). Saviani, então, se dedica a analisar um famoso *slogan* criado pelos propagandistas do movimento Escola Nova:

“Ensinamos crianças, não matérias”

O educador nos diz que essa frase, do ponto de vista gramatical, não se sustenta, porque “não é possível, gramaticalmente, dizer que se ensina nada a ninguém” (2012, p.125). “Nem que se ensina algo e ninguém” (*ibid.*):

“Ensinamos matérias, não crianças”

Se o verbo ensinar implica que “algo seja ensinado a alguém”, para fazer sentido, do ponto de vista gramatical teria que ser:

“Ensinamos matérias às crianças”

Mas, como não se trata de uma definição e sim de um *slogan*, que “tem o caráter de um símbolo aglutinador de adeptos em torno da ideia da centralidade da criança no processo educativo” (Ibid), então o *slogan* se enriquece em razão dos sentidos atribuídos pelos contemporâneos do contexto sócio-histórico onde ele foi gerado. E assim ele se amplia, podendo ganhar dimensões imprevistas. O perigo, prossegue Saviani citando o outro filósofo, é o dos *slogans* passarem a ser difundidos como *afirmações literais* “como se fossem pura expressão de uma verdade pedagógica” (SAVIANI, 2012, p. 126).

Ou seja, a interdiscursividade do enunciado, ao apoiar-se em outros saberes e sentidos em circulação, tende a criar empatia e tornar o sentido deste mais convincente. Assim, retornando aos nossos primeiros *slogans*, o “Diga não às drogas”, por exemplo, ao ser disseminado em um contexto de polarização quanto às medidas repressivas às drogas, acaba por tecer uma linha invisível entre positividade e negatividade, de modo que se possa inferir daí alguns dos seguintes sentidos:

Diga não:

- Às informações, aos conhecimentos e saberes sobre drogas;
- Às pessoas que falam, usam e se envolvem com drogas.

A positividade se constrói no completo desconhecimento sobre a matéria: “nada sei sobre drogas!”.

Com isto, cindimos a sociedade e criamos mundos paralelos: o mundo dos que conhecem as drogas e o dos que nada sabem a seu respeito. Um artifício classificatório que não se sustenta, conforme já colocado atrás, já que as drogas circulam entre nós todo o tempo; elas fazem parte do mundo da vida e do mundo da cultura, conforme as configurações de Bakhtin; do mundo comum (público, social) e, especialmente, do mundo privado, seguindo as categorias arendtianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerra-se com outro enunciado dos discursos antiproibicionistas, repetidamente proferido no dia do julgamento da despenalização do porte de drogas, no STF (Supremo Tribunal Federal), que diz: o “proibicionismo é uma irresponsabilidade”, pelo que implica em desinformação e pelo que impede de discussão no espaço educacional. E, assim como as substâncias circulam sem controle de qualidade, sem que haja qualquer forma de proteção aos seus usuários, as informações, os conhecimentos também circulam sem critérios, sem o contraditório e as interpelações próprias dos espaços democráticos. Aqui, investindo na aposta quanto ao papel da educação, apontamos duas especulações iniciais para fomentar o debate: 1 – tal reivindicação soa como forma de controle? 2 – tais informações soam como apologia às drogas?

Para Hannah Arendt, a escola vive a negação do paradigma da autoridade e o mito do estabelecimento de relações horizontais entre alunos e professores. Isto é defendido como a síntese da proposta moderna de educação. Enquanto imaginamos viver este mito, adotamos princípios autoritários no que diz respeito a variados aspectos da vida social, como na questão das drogas, por exemplo, cujo discurso predominante é o da interdição sumária, o da negação ao prazer e o do silenciamento da tradição destas substâncias nas relações com os homens. Isto corresponde à promoção do apagamento da história e dos sentidos de humanidade inscritos nela e, por esse caminho, toda esta herança é renegada.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- _____. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ALMEIDA, Vanessa Sievers. *Educação em Hannah Arendt*. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros do Discurso. In: *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Col. Ensino Superior).
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CARNEIRO, Henrique Soares. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- _____. Bebidas alcoólicas e outras drogas na época moderna. Economia e embriaguez do século XVI ao XVIII.– In: SEED, Secretaria de Estado da Educação. *Cadernos temáticos dos desafios educacionais*. Curitiba, PR: SEED, 2008. 152. Disp.: <<http://www.nevusp.org/downloads/down156.pdf>>.
- COLLARES, C. L. & MOYSÉS, M. A. A. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico (A Patologização da Educação). *Série Ideias* (23), São Paulo, FDE, 1994, p. 25-31.
- COLLARES, C.A.L.; MOYSÉS, M.A.A.; RIBEIRO, M.C.F. *Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.
- ESCOHOTADO, A. *Historia de Las Drogas*. Madrid: Alianza, 1989. Vol. 2.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. *O Nascimento da Clínica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- GONÇALVES NETO, W. Desafios da história da educação no Brasil. In: SÁ, E.F.; SIMÕES, R.H.S.; GONÇALVES NETO, W. (Orgs.). *Circuitos e Fronteiras da História da Educação*. Vitória: EDUFES, 2015.
- HARAYAMA, R.; GOMES, J.; BARROS, R.; GALINDO, D.; SXANTOS, D. Nota Técnica: o consumo de psicofármacos no Brasil, dados do sistema nacional de gerenciamento de produtos controlados ANVISA (2007-2014). In: *Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade*. Jun. 2005. Disp.: <http://medicalizacao.org.br/nota-tecnica/>. Acesso: 20 set. 2015.
- HORA, D.M. Medicalização, escola nova e modernização da nação: 1930-1945. Rio de Janeiro: Unirio. Disp.: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Dayse_Martins_Hora_artigo.pdf. Acesso: set. 2015.
- HORA, D. M.. A escola-laboratório do projeto escolanovista e a medicalização na formação de professores. In: *VI Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2011, Vitória. 2011. v. 1. p. 1-15.
- JESUS, Paula Renata C. A presença do medicamento ético na mídia de massa. Propaganda ou Informação? Disp.: <<http://www.comtexto.com.br/convicomartigopropPaulaRenata.htm>>. Acesso: 12 abr. 2015.
- NUNES, Clarice. Ensino e historiografia da educação: problematizações de uma hipótese. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 1, p. 67-79, 1996.
- NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta M. C. Historiografia da educação e fontes. In: GONDRA, JG. *Pesquisa em História da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- PATTO, Maria Helena Souza. *A Produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- RIBEIRO, Tiago Magalhães. *Do “você não pode” ao “você não quer” – uma história de prevenção às drogas na educação*. Curitiba: Prismas, 2013.
- SAVIANI. Dermeval. *A Pedagogia no Brasil: história e teoria*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SEGATTO, C.; MARTINS, I. *et al.* Rivotril: por que o medicamento é o segundo mais vendido no país? In: *Revista Época*, 19 fev. 2009. Disp.: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI27270-15257,00-RIVOTRIL+POR+QUE+O+MEDICAMENTO+E+O+SEGUNDO+MAIS+VENDIDO+NO+PAIS.html>>. Acesso: 10 abr. 2015.

SILVA, Maria de Lourdes. *Drogas: Da medicina à repressão policial - a cidade do Rio de Janeiro entre 1921 e 1945*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2015.

SZASZ, Thomas. *O Marketing da loucura: somos todos insanos?* [Documentário]. Direção e roteiro Thomas Szasz: Espanha, 2011. Disp.: <<https://www.youtube.com/watch?v=OhxqNqQDxwU>>.

VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais N. Lima. (Orgs.). *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ZUCOLOTO, Patrícia Carla S. Vale. O médico higienista na escola: as origens históricas da medicalização do fracasso escolar. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*, n. 17 (1): 136-145, 2007.

RESUMO

O presente trabalho analisa dois slogans criados para campanhas de combate às drogas: "Drogas, tô fora!" e "Diga não às drogas" e duas respostas paródicas dadas a eles à luz dos conceitos de dialogismo e responsabilidade de Mikhail Bakhtin e Hannah Arendt, respectivamente. A discussão é proposta nos marcos da história da educação, problematizando sobre a escassez de pesquisas neste campo e a importância de tais investimentos para a educação.

Palavras-Chave: Drogas. Medicalização. Educação. História da Educação.

PEDAGOGICAL STRATEGIES APPROACH TO DRUGS: WHERE GOES THE HISTORY OF EDUCATION?

ABSTRACT

The present paper analyses two slogans created for anti-drug campaigns: "Drugs, I'm out!" And "Say no to drugs" and two parodic answers given to them at the light of dialogism concepts and responsibility of Mikhail Bakhtin and Hannah Arendt, respectively. The discussion is proposed in the terms of the history of education, questioning solving about the lack of researchs in this field and the importance of such investments to education.

Keywords: Education. History of Education. Drugs. Medicalization.

Submetido em out. 2015.

Aprovado em jan 2016.